

FRANKLIN MARTINS



de Brasília

Opiniões e palpites

• Caso Fernando Henrique venha a ganhar as eleições presidenciais do ano que vem, o que haveria de comum entre o seu primeiro e o seu segundo Governo? E o que haveria de diferente? No momento, de público, ninguém arrancará uma palavra do presidente sobre o assunto. Ele sequer admite o óbvio: que é candidato à reeleição. É compreensível. Para que antecipar a campanha? Para FH, quanto menos tempo ele for candidato, melhor.

Mas, em conversas reservadas, Fernando Henrique diz que, sendo eleito, gostaria que seu segundo Governo, mesmo diferindo muito do atual, mantivesse a mesma característica central: a preocupação com a estabilidade — para ele, uma das maiores aspirações da sociedade brasileira. Ao falar em estabilidade, FH não está se referindo apenas à confiança na moeda ou a regras claras na economia. Segundo ele, o desejo do país por estabilidade é muito mais amplo; é também político, institucional, estratégico.

Daí sua convicção de que é necessário governar com maiores bem amplas no Congresso e seu empenho de não se descolar da opinião pública. Os avanços são mais lentos, mas, em contrapartida, é menor o risco de reviravoltas futuras, pois o país trabalha com horizontes mais claros.

E as diferenças? Para Fernando Henrique, o atual Governo, por força da própria situação, foi obrigado a cuidar mais da economia e dos interesses materiais das pessoas. Se for reeleito, seu segundo Governo estará mais voltado para a sociedade e para valores como soli-

tes já ocorreram em outros momentos, para serem contrabalançadas em seguida por movimentos de ascensão. Em termos históricos, essas oscilações se dariam dentro de uma faixa bastante confortável e estável.

A avaliação otimista completa-se com a observação de que maio costuma ser o mais cruel dos meses para o prestígio do presidente — antes de mais nada, por causa da decepção dos trabalhadores com o aumento mínimo do salário mínimo. Além disso, coincidentemente, tanto no ano passado como neste ano, o noticiário da imprensa em maio foi amplamente desfavorável para o Governo. Em 1996, esteve marcado pelo massacre de Eldorado de Carajás; em 1997, pela marcha dos sem-terra, pela venda da Vale e pelo escândalo da compra de votos. Isso repercutiu nas pesquisas de opinião. Por tudo isso, aposta o presidente, a tendência daqui para a frente é melhorar. Está tudo azul, com bolinhas brancas, como se dizia nos anos dourados.

Fernando Henrique admite que terá um problema de campanha, mas é o tipo do problema que todo candidato gosta-

dade e esperança.

— Seria a diferença do Governo Campos Salles para o Governo JK — ilustrou, referindo-se a dois presidentes marcantes: o que reorganizou as finanças do país na República Velha e o que fez o país crescer cinquenta anos em cinco, entre 1955 e 1960.

Como se vê, ele não quer pouca coisa.

Em termos de cenário eleitoral, o ideal para Fernando Henrique seria uma campanha polarizada entre ele e Lula, se possível sem outros candidatos expressivos no páreo. Talvez seus sonhos se realizem. Maluf já desistiu da disputa, limitando suas ambições ao Governo de São Paulo. O PMDB dificilmente lançará candidato próprio. Resta a possibilidade de que Itamar Franco, com quem FH almoça hoje em Nova York, resolva concorrer. Fernando Henrique já lhe disse que ele não deveria se meter nessa fria, mas é cedo para saber se o nosso Forrest Gump levará em consideração o conselho.

No caso de um confronto com Lula, Fernando Henrique não chega a dizer que vai dar um passeio. Aliás, faz questão de dizer exatamente o contrário, lembrando que eleições são ganhas ou perdidas no momento da campanha. Mas, apesar dessa ressalva, parece muito confiante. Parece até que está se preparando para passear.

Em primeiro lugar, ele acha que a esquerda meteu-se num beco sem saída, ao render-se à "utopia regressiva". Tornou-se conservadora. Em vez de sonhar com o futuro, tem pesadelos com o passado. Para Fernando Henrique, esse comportamento tende a ser fatal numa campanha, já que o eleitor vota sempre olhando para a frente, e não para trás.

Em segundo lugar, a confiança de Fernando Henrique vem das pesquisas. Ele não parece preocupado com o fato de, nos últimos meses, sua popularidade ter caído de 50 para 37 pontos, de acordo com levantamentos encomendados pelo próprio Palácio do Planalto. Tranqüiliza-se com a constatação de que quedas semelhan-

ria de administrar: excesso de gente em seu palanque. Nos maiores estados, talvez só no Rio Grande do Sul os governistas venham a se unir em torno de um mesmo candidato. Nos demais, a tendência é de que se enfrentem asperamente.

Assim, nos principais colégios eleitorais do país, Fernando Henrique provavelmente terá mais de um palanque para subir. Se valer a experiência dos estados em que isso ocorreu em 1994, como Minas Gerais e Paraná, ele acabará não subindo em palanque algum. Ficará parado em Brasília, fazendo comício eletrônico, o que pode até ser menos cansativo para o candidato, mas tende a produzir efeitos devastadores na alma da campanha.

Apesar disso, mal ou bem, o presidente confia que as desavenças internas da coalizão governista acabarão ficando dentro de limites razoáveis. Podem ter impacto forte em alguns estados, mas não chegarão ao ponto de desestabilizar a campanha nacional. Os tremores de terra não se transformarão em terremotos. Quem vai pagar o preço de ficar fora do trem ganhador?

Fernando Henrique não chega a ser tão confiante como o ministro Sérgio Motta, que faz planos para conservar o poder por uns 20 anos. Contenta-se em olhar para um horizonte de doze anos. Acredita que está fazendo o que é melhor para o país e, por isso, elegerá seu sucessor em 2.002. De onde virá ele? Do PSDB? Do PFL? Do PMDB?

Fernando Henrique não sabe. Mas acha que será um político plenamente identificado com seu Governo, que, por isso, terá o seu apoio. Se tivesse de dar um conselho a alguém que está sonhando em ser candidato a presidente em 2.002, ele diria para ele se colar em seu Governo. É incrível, mas FH acha que seu taco estará intacto daqui a cinco anos.

É um palpite tão bom quanto qualquer outro. Candidatos são assim mesmo: movidos a otimismo.

e-mail para esta coluna:
franklin@bsb.oglobo.com.br